

A RELAÇÃO DIALÉTICA ENTRE SÍMBOLO E METÁFORA: UM PRESSUPOSTO INTERDISCIPLINAR

The dialectic relation between symbol and metaphor: an interdisciplinary assumption

Ana Elisa Santosⁱ

Adna Candido de Paulaⁱⁱ

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Resumo: Este artigo expõe os resultados obtidos na Iniciação Científica "*Literatura e Filosofia: As relações interdisciplinares presentes nos estudos de Paul Ricoeur sobre as teorias da metáfora e do símbolo*". O projeto teve como objetivo central a percepção e compreensão da relevância da relação interdisciplinar, estabelecida pelo filósofo francês Paul Ricoeur, entre as teorias da metáfora e do símbolo. Tendo em vista que a prática interdisciplinar pressupõe um diálogo, uma troca de conhecimento, de análise e de métodos entre as partes envolvidas, que visa como resultado um enriquecimento mútuo, o trabalho identificou que a filosofia de Ricoeur é um modelo dessa prática. O filósofo francês, ao se voltar para o objeto literário com o intuito de compreender as ações humanas e suas implicações éticas, estabeleceu entre as duas áreas do conhecimento, a Literatura e a Filosofia, uma relação interdisciplinar de excelência.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Literatura. Filosofia. Metáfora. Símbolo.

Abstract: This paper presents the results obtained in the Scientific Initiation "*Philosophy and Literature: Interdisciplinary relationships present in the studies of Paul Ricoeur about theories of metaphor and symbol*." The project had as its central objective the perception and understanding of the importance of interdisciplinary relations, established by the French philosopher Paul Ricoeur, between theories of metaphor and symbol. Given that interdisciplinary practice presupposes a dialogue, an exchange of knowledge, analysis and methods between the parts involved, which aims to result in a mutual enrichment, the study identified that the philosophy of Ricoeur is a model of this practice. The French philosopher, to turn to the literary object in order to understand human actions and their ethical implications, established between the two areas of knowledge, literature and philosophy, an interdisciplinary relationship excellence.

Keywords: Interdisciplinarity. Literature. Philosophy. Metaphor. Symbol.

Introdução

A interdisciplinaridade é uma prática que pressupõe um diálogo, uma troca de análises, de métodos e de conhecimento entre duas ou mais disciplinas com enriquecimento para ambas as partes envolvidas neste diálogo (Paula, 2009). Na sociedade moderna, a interdisciplinaridade vem se tornando uma condição básica para o ensino e a pesquisa no mundo universitário. Ela vem modificando a ideia de conhecimento fragmentado,

especializado, no qual as diversas disciplinas e os diversos estudiosos se mantêm fechados no interior de suas respectivas áreas, o ensino puramente disciplinar.

Os resultados que serão apresentados são provenientes de um subprojeto da discussão mais ampla do projeto institucional “**Estudos Interdisciplinares de Literatura e Teoria Literária- MÖEBIUS**”, de autoria da orientadora desta pesquisa, desenvolvido na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri-UFVJM. O objetivo central do subprojeto foi estudar a pertinência da relação interdisciplinar entre a Literatura e a Filosofia, a partir de uma análise da formação e especificidade das linguagens metafórica e simbólica proposta por Paul Ricoeur nas respectivas obras: *A metáfora viva* e *Do texto à ação*.

A relação interdisciplinar entre essas duas áreas do conhecimento, Literatura e Filosofia, foi estabelecida, entre outros, por Paul Ricoeur com o emprego de sua hermenêutica dialógica. Ricoeur defende que, para que haja uma interdisciplinaridade positiva, faz-se necessário a percepção de que cada área tem os seus limites e especificidades, sendo de fundamental importância que os mesmos sejam compreendidos e respeitados. Ambas as áreas trabalham com a linguagem, uma aborda o discurso metafórico, ao passo que a outra trabalha com o discurso heurístico. No trabalho desenvolvido pelo filósofo francês, percebe-se um diálogo respeitoso com o discurso alheio e enriquecedor entre estas e outras disciplinas, bem como não há a possibilidade de redução de uma a outra devido ao respeito às especificidades de cada uma. Por isso, não é condizente, com esta proposta interdisciplinar aqui apresentada, a relação de superioridade e de inferioridade, mas, sim, uma relação de complementaridade e diálogo entre as áreas do conhecimento.

14

Métodos

A pesquisa foi desenvolvida com base na revisão bibliográfica, tendo como metodologia empregada a leitura e a releitura do *corpus* determinado, bem como a redação de fichamentos dos textos que o compõem. A fim de conhecer um pouco a vida e a trajetória intelectual de Paul Ricoeur, autor das obras que foram os pilares da pesquisa *Do texto à ação* e *A metáfora viva*, foi analisada a “Apresentação” (PAULA; SPERBER; 2010: p. 9-24) da obra *Teoria Literária e Hermenêutica Ricoeuriana: um diálogo possível*. Já, para fundamentar a afirmação de que a obra filosófica de Ricoeur é “um paradigma de prática interdisciplinar”, foram lidos os capítulos “Histórico, fundamentos filosóficos e teórico-metodológicos da

interdisciplinaridade” e “Especificidades e desafios da interdisciplinaridade nas ciências humanas” (PHILIPPI; SILVA NETO;2010: p. 3-69, 106-123), da obra *Interdisciplinaridade em ciências, tecnologia e inovação*, para a compreensão das abordagens interdisciplinares, das suas especificidades em relação às práticas multidisciplinar e transdisciplinar. Através da leitura e releituras dos dois capítulos citados acima, foi possível compreender os pressupostos interdisciplinares e o trabalho desenvolvido por Ricoeur em suas obras, perpassado por várias disciplinas, como a Retórica, a Gramática Lógica, a Linguística, a Semântica, a Semiótica, a Filosofia Analítica Anglo-Saxônica, a Fenomenologia, a Hermenêutica Filosófica, a Historiografia, a Literatura, dentre outras.

A primeira obra do filósofo analisada foi *A metáfora viva*, na qual Ricoeur faz um estudo do percurso das entidades linguísticas, desde a palavra na retórica clássica, passando pelo signo, na semiótica, pela frase, na semântica, até chegar ao discurso, a entidade linguística da hermenêutica. Para Ricoeur, existem dois tipos de metáforas, as metáforas vivas, ou metáforas de invenção, e as metáforas mortas, ou metáforas convencionais. Com o passar do tempo e da recorrente utilização de algumas metáforas, estas vão sendo absorvidas pela linguagem cotidiana das comunidades, tendo os seus sentidos figurativos determinados pelos usos culturais, transformando-se em metáforas mortas. Assim sendo, essas metáforas não mais irão produzir uma nova pertinência semântica nesta comunidade que já a absorveu, pois caíram no senso comum. A metáfora é um fenômeno discursivo de predicação, que produzirá o seu efeito no ato do discurso, no contexto no qual ela está inserida, assim, as metáforas que suscitam uma nova pertinência semântica sobre a ruína da pertinência literal, o filósofo denomina-as de metáforas vivas, uma vez que estas estão sempre se recontextualizando com a linguagem, renovando o olhar. É a palavra viva exprimindo a ideia de movimento e mudança.

Após a compreensão da metáfora, não mais como uma figura de linguagem e sim, como um fenômeno de predicação, iniciou-se a leitura da obra *Teoria da Interpretação*. Nesta obra, Ricoeur traça um percurso que busca compreender a obra como produto da linguagem, ao nível de produções tanto literárias como filosóficas, a passagem do discurso oral ao discurso escrito e suas modificações. O filósofo compreende a obra literária como uma obra de discurso distinta das demais pelo fato de pôr em relação um sentido explícito que está configurado na obra e um sentido implícito que resulta do ato da leitura, tornando o problema da escrita um problema hermenêutico, quando diz respeito ao polo complementar, que é a leitura. Do ato da leitura procede uma nova dialética entre a distanciação e a apropriação, na primeira, o leitor se distancia do seu mundo para, na segunda, se apropriar do mundo da obra,

fazer seu o que é alheio, pois a leitura é o remédio pelo qual a significação do texto é resgatada do estranhamento da distanciação e posta em uma nova proximidade.

Nesta obra, também ocorre o desenvolvimento da sua hermenêutica dialética, onde a interpretação é compreendida como um processo maior, que envolve tanto a compreensão quanto a explicação, o arco hermenêutico. O arco hermenêutico, de acordo com Ricoeur, seria composto por três etapas distintas, porém, complementares, sendo elas compreensão, explicação e compreensão, no qual a explicação surge como a mediação entre dois estágios de compreensão. Na primeira etapa, realiza-se a leitura de contemplação, de conjecturas, na segunda etapa, volta-se para a literariedade da obra (gênero, linguagem, estrutura, dentre outros elementos). Na última etapa deste processo encontra-se a compreensão, mas, não mais aquela primeira compreensão e, sim, uma nova compreensão auxiliada pelas etapas precedentes.

A obra, mesmo apresentando um campo limitado de construções possíveis devido a sua estrutura, é aberta a várias leituras por ser um todo singular, uma síntese do heterogêneo, que pode ser observado de diferentes ângulos, mas nunca de todos ao mesmo tempo, devido ao fato de os horizontes potenciais de sentidos, nela implicados, poderem se atualizar de modos variados. Nessa perspectiva, Ricoeur defende uma hermenêutica da suspeita ao contrário de uma interpretação imediatista. Assim como a metáfora, que nasce das ruínas semânticas literais, também a referência metafórica, a referência de uma obra literária, nasce das ruínas da referência primária. A obra literária refere-se a si mesma, seu referente é o mundo construído na interação leitor/obra no ato da leitura, na fusão dos horizontes deste com aquele no processo interpretativo fornecendo ao leitor um novo modo de ser a si mesmo.

A obra *Quando dizer é fazer*, de John Langshaw Austin (1990), foi analisada como suporte para a compreensão da linguagem como ação, como uma forma de atuação sobre o real e de constituição do mesmo. Nesse sentido, a linguagem não é mais compreendida como simplesmente a representação ou correspondência da realidade. A própria palavra performance, da qual vem a denominação de atos performativos, já indica ação. O homem, a partir da linguagem, constrói e age na realidade, tornando perceptível que a obra enquanto linguagem não é a mera representação de um mundo, mas a construção de mundos, de novos modos de ser e agir do homem que serão desvelados através da fusão de horizontes dos variados leitores com aqueles configurados na obra no ato de leitura.

Os três tomos de *Tempo e Narrativa*, igualmente analisados nesta pesquisa, são responsáveis por demonstrar que o ser humano, ao longo da sua vida, a todo o momento, está criando pequenas ou longas narrativas dentro de um determinado tempo que é o presente, mas que se torna passado. Através das narrativas, o homem é capaz de fazer o passado virar presente, o presente virar passado, bem como, o futuro se tornar presente por meio das projeções. A vida humana é construída através de suas criações narrativas ao longo do tempo. O ser humano não se conhece diretamente, mas, sim, através dos signos que estão dispostos na memória e que são transmitidos culturalmente. Por isso, o gênero narrativo, por ser uma aplicação diferencial da referência metafórica na esfera do agir humano, é o meio que leva da história à ficção e da ficção à história no processo de conhecimento do si próprio do leitor, que é, em última instância, uma interpretação. Há uma circularidade entre o tempo e a narrativa, pois o tempo torna-se humano na medida em que é articulado em um modo narrativo e a narrativa torna-se significativa na medida em que desenha os traços humanos das suas experiências temporais.

Partindo desta ideia, o filósofo francês define três etapas distintas, porém complementares, do processo de construção da obra literária, que se inicia com a pré-figuração, etapa na qual a obra seleciona elementos que advêm das experiências e visões particulares de um indivíduo, que pertence a uma coletividade cultural e histórica. Esses elementos são configurados em um segundo momento por meio de uma linguagem e de suas estruturas em um objeto material total com início e fim. A configuração da síntese do heterogêneo é uma terceira etapa por Ricoeur denominada como refiguração, na qual a obra que advém de um mundo da ação se volta para um novo mundo através do ato da leitura e da fusão dos horizontes de expectativas, é a apreensão da síntese do heterogêneo.

A última obra estudada foi *Do texto à ação: Ensaio de hermenêutica II*. Após a compreensão da teoria da metáfora, do arco hermenêutico e das narrativas enquanto refiguração do tempo, estudou-se a teoria do símbolo que vem abordada na obra citada. Nela, Ricoeur versa sobre o percurso pelo qual o discurso enquanto fala passa ao ser fixado pela escrita, quais as mudanças e as consequências desta mudança. O caráter virtual e fora do tempo, que permite a descontextualização e recontextualização da linguagem, advém do fato da mesma ser composta por símbolos e esses, segundo o filósofo, são compostos por duas estruturas de significação uma que é passível de transcrição linguística e outra que não é, mas que se torna acessível por intermédio desta. A primeira estrutura do símbolo está

ligada a um sentido literal, primário, direto e a segunda está relacionada com um sentido figurado, secundário, indireto.

Resultados

Ambas as disciplinas, Literatura e Filosofia, trabalham com a linguagem. A primeira opera com o discurso metafórico que preserva, transforma e amplia os sentidos da linguagem cotidiana, enquanto que a segunda opera com o discurso heurístico que elabora modelos, sistemas de significações passíveis de elaborações conceituais (PAULA, 2012). A literatura trabalha com representações sensitivas da natureza que são expostas através de formas sem se preocupar com as distinções dos conceitos utilizados, ela é uma a mais para a linguagem cotidiana, não se preocupando com o valor de verdade. Não existe a verdade da literatura, mas verdades na literatura que são passíveis de validação pela própria obra literária. A filosofia, ao contrário da literatura, expõe as coisas como as deseja elaborar, não tem que seguir nenhuma ou quase nenhuma regra particular na exposição dos seus pensamentos, esta procura com extrema obstinação a distinção dos conceitos, bem como a preocupação com o valor de verdade. A filosofia é a representação intelectual, que se ocupa da razão. A literatura é a representação de mundos passíveis de serem habitados, mundos nos quais indivíduos se tornam sujeitos ativos, indivíduos de ações, que a filosofia busca compreender.

O fato de o mundo configurado pela construção de um enredo se aproximar do modelo heurístico utilizado pelo pensamento filosófico não justifica que a filosofia seja compreendida como a mera teorização da literatura ou mesmo que esta seja um simples exemplo do discurso daquela. Para que a relação estabelecida entre literatura e filosofia aconteça como um diálogo positivo, de enriquecimento mútuo para ambas, como pressupõe a interdisciplinaridade, deve-se ter em mente que cada disciplina trabalha com a linguagem à sua maneira e tem as suas especificidades, por isso, seus conceitos e proposições devem ser conhecidos, compreendidos e respeitados.

Paul Ricoeur não foi um teórico da literatura, seu foco na investigação do objeto literário era filosófico. O filósofo se voltou para a linguagem e para a interpretação literária, com o propósito de compreender a dimensão da ação humana e sua implicação ética, que estão ali representadas. E ao se voltar para a linguagem, Ricoeur se deparou tanto com a metáfora quanto com símbolo. O símbolo apresenta uma estrutura de significação onde um sentido direto, primário, literal,

designa, a mais, outro sentido indireto, secundário, figurado, que só pode ser compreendido através do primeiro. Desta forma, o duplo sentido é algo inerente às estruturas simbólicas. A metáfora, por se tratar de uma invenção livre do discurso, suscita uma nova pertinência semântica sobre as ruínas da pertinência semântica literal, assim ela se torna responsável pela organização do símbolo dentro da linguagem. O que está implícito nessa intercessão das teorias da metáfora e do símbolo, realizada por Paul Ricoeur, é a capacidade de renovação permanente do sentido e a capacidade de plurissemantização da linguagem, que é para onde a metáfora reenvia a dimensão simbólica.

O símbolo não se transforma em metáfora porque, diferente dessa que ocorre no *logos* (discurso), ele ocorre na linha limítrofe entre a *bios* e o *logos*. O símbolo nasce no eixo congruente onde força e forma coincidem. O fato de uma obra literária ser uma estrutura simbólica permite a sua descontextualização e sua recontextualização em momentos diversificados.

A obra literária é um objeto configurado que vem de um mundo simbólico e que se volta para o mundo, assim, a construção do objeto literário, segundo Ricoeur, está sujeita a três momentos que são distintos, porém interligados: a *mimesis* I, que é a pré-figuração, ou seja, é a compreensão de que toda obra literária advém de um mundo particular e universal, pois o seu autor pertence a uma comunidade histórica de valores culturais, políticos, sociais, religiosos, mas a forma como estes valores são assumidos, isto é particular de cada integrante desta comunidade; a *mimesis* II, ou configuração, é o momento em que as experiências, horizontes de expectativas, as visões de mundo deste indivíduo são configuradas em um objeto concreto, trata-se da criação da narrativa ficcional; e a *mimesis* III, ou reconfiguração, é o momento proporcionado pelo ato da leitura, no qual ocorre a recontextualização da obra por parte do leitor e a fusão dos horizontes do texto com os horizontes do leitor, dando a este uma nova compressão de si, este é o momento da concretização da obra literária, instante no qual ocorrerá o preenchimento dos seus espaços vazios.

A pesquisa abordou, igualmente, a interdisciplinaridade no contexto acadêmico. Problematizou-se, inclusive, a necessidade da (re)discussão sobre a percepção das práticas das ciências naturais e das ciências humanas, como áreas do conhecimento, aparentemente, antagônicas.

Discussão

O pensamento interdisciplinar e, principalmente, a sua prática nas universidades brasileiras, encontram-se em fase inicial de conhecimento, inserção e desenvolvimento. Por isso, além da criação e implementação de programas que visem à prática interdisciplinar, faz-se necessário, também, a criação e a implementação de políticas públicas e acadêmicas que acompanhem esta nova abordagem, programas de avaliação para estes cursos, que sejam condizentes com a sua proposta interdisciplinar, faz-se necessário a conciliação da teoria com a prática. Para que as dificuldades encontradas na prática da interdisciplinaridade como uma metodologia sejam superadas, faz-se necessária a consciência de que ela não visa subestimar nem supervalorizar uma determinada disciplina, mas, sim, estabelecer uma relação dialógica de enriquecimento mútuo entre as partes envolvidas no diálogo.

Desde a Idade Clássica, tem-se notícias da prática interdisciplinar, um exemplo a ser citado é a obra intitulada *Poética*, do filósofo grego Aristóteles, na qual o filósofo, ao analisar e propor uma hierarquia dos gêneros literários (tragédia como o gênero superior, epopeia como um gênero inferior à tragédia e superior à comédia e à comédia como o gênero inferior aos demais), utiliza-se de saberes políticos, sociais, históricos, estéticos e filosóficos para fundamentar e justificar sua hierarquização.

De acordo com Klein (*apud* LEIS 2005), o termo interdisciplinaridade apareceu registrado publicamente, pela primeira vez, nos anos iniciais do século XX, nos movimentos de reforma curricular das universidades norte-americanas e nos relatórios do “Social Science Research Council”. No século XVIII, com o movimento iluminista pautado, principalmente, no ideal da racionalidade e o advento das ciências, assistiu-se a um movimento de distinção entre as disciplinas e suas áreas do conhecimento. Com esta distinção, até aproximadamente o início do século XX, as disciplinas foram pensadas e trabalhadas separadamente, cada qual no seu campo de conhecimento, ou no campo das ciências humanas, ou no campo das ciências naturais, fechadas em seus conceitos, métodos e análises, produzindo cada vez mais um conhecimento específico, formando especialistas que tinham um domínio minucioso de uma parte do objeto, mas não um conhecimento geral do mesmo como um todo, atribuindo, assim, aos currículos a característica de rigidez.

A partir desta situação, tornou-se necessária a busca por novas abordagens das disciplinas nos currículos e no contexto universitário. Este foi o primeiro passo para o incentivo de uma abordagem interdisciplinar que, cada vez mais, vem se tornando um eixo central não só no contexto

universitário, mas também no contexto das escolas de ensino fundamental, ou seja, está se tornando um pilar para a formação e compreensão do indivíduo. A prática interdisciplinar vem alcançando espaços cada vez maiores no contexto da sociedade moderna e definir a interdisciplinaridade em um conceito fechado é algo que vai contra a sua proposta dialética, como afirma Leis:

A tarefa de procurar definições “finais” para a interdisciplinaridade não seria algo propriamente interdisciplinar, senão disciplinar. Na medida em que não existe uma definição única possível para este conceito, senão muitas, tantas quantas sejam as experiências interdisciplinares em curso no campo do conhecimento, entendemos que se deva evitar procurar definições abstratas da interdisciplinaridade (LEIS, 2005, p.5).

São muitas as definições a respeito da interdisciplinaridade, que trazem em seu bojo a ideia de relação dialógica, de interação e enriquecimento mútuo e estas características estão bem explícitas nos trabalhos de Ricoeur, principalmente, nas obras *A metáfora viva* e *Do texto à ação*. Durante a sua vida, Ricoeur teve contato com diferentes estudiosos das mais variadas áreas de conhecimento e, em seus escritos, ele apresenta um diálogo entre vários pensadores em uma relação de complementaridade, fazendo parte de um todo, cada qual com a sua contribuição, demonstrando que o trabalho em conjunto das diferentes áreas do conhecimento pode alcançar níveis para além da limitação de cada uma.

As relações de proximidade e entrelaçamento estabelecidas entre as duas áreas do conhecimento, Literatura e Filosofia, acontecem desde a Antiguidade Clássica, quando a Filosofia era compreendida como uma ciência do saber geral e a Literatura como toda e qualquer atribuição de sentido pela linguagem, onde ainda não se tinha a literatura como conceito. As obras clássicas *República* e *Poética* dos filósofos gregos, Platão e Aristóteles, são exemplares desta relação antiga. Na primeira, Platão estabelece entre a filosofia e a literatura uma relação de suspeita e acusação, na qual a filosofia assume o papel de julgador e a poesia (literatura) o papel de julgado. Ele não estava interessado na literatura em si mesma, mas, sim, em sua influência na ação humana, na sua finalidade. Aristóteles, assim como Platão, também estava preocupado com a finalidade da literatura. Ele se volta para a natureza e funcionalidade da literatura, retomando assim a especificidade dos gêneros, voltando-se para a especificidade literária com a preocupação de sua influência na ação humana, estabelecendo assim a hierarquização dos gêneros literários.

Os dois exemplos mencionados ilustram maneiras diferentes de relacionamento entre a filosofia e a literatura, uma primeira relação de suspeita e acusação e, em seguida, uma relação de acolhimento e valorização. A relação estabelecida por Ricoeur difere-se das demais, uma vez que esta foi baseada no pressuposto interdisciplinar do diálogo, pautado no respeito, na valorização e no enriquecimento mútuo as áreas de conhecimento. Ao se voltar para o objeto literário (literatura), para compreender as dimensões da ação humana e suas implicações éticas (filosofia), Ricoeur deparou-se com problemas comuns aos teóricos da literatura, e, em suas considerações filosóficas acerca do objeto literário, ele traz um rol de contribuições para um melhor entendimento destes problemas.

Posições extremistas impedem a abertura ao diálogo, limitando, não só, a construção do conhecimento, mas, também, a compreensão do mundo em sua totalidade. Aquele que está aberto ao diálogo, que sabe ouvir e respeitar os limites, tornar-se-á um cidadão atuante que não compra verdades prontas e nem impõem a sua visão como correta, mas que busca compreender e explicar “as coisas” de forma plausível. Esta não é uma pessoa sem convicções ou uma mera reprodutora das visões alheias, como muitos julgam, mas alguém que sabe valorizar o outro como a si mesmo, que busca integrar a suas convicções com as convicções alheias para a construção de uma visão maior e mais abrangente, uma vez que não há indivíduo, pesquisador e ou disciplina capaz de deter todo conhecimento.

Referências:

ALVARENGA *et al.* (2010). Histórico, Fundamentos Filosóficos e Teórico-metodológicos da Interdisciplinaridade. In: Philippi Jr, A.; Silva Neto, A.J. *Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação*. Barueri-SP, Manole. 2010. p – 3-69.

ARISTOTÉLES. *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. *Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: Efetividade ou ideologia*. São Paulo: Loyola, 2011.

Disponível

em:<http://www.pucsp.br/gepi/downloads/PDF_LIVROS_INTEGRAN

TES_GEPI/livro_integracao_interdisciplinaridade.pdf>. Acesso em 22 de Maio de 2013.

LEIS, Héctor Ricardo. *Sobre o conceito de interdisciplinaridade*. Cadernos de pesquisa interdisciplinar em ciências humanas. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em: <<http://www.journal.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/2176/4455>>. Acesso em 22 de Maio de 2013.

LEIS, Héctor Ricardo (2010). Especificidades e desafios da interdisciplinaridade nas ciências humanas. In: Philippi Jr, A.; Silva Neto, A.J. *Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação*. Barueri-SP, Manole. 2010. p 106-123.

PAULA, Adna Candido. *Ética, Literatura e Vida Humana: Problematizando a Orientação Ética das Narrativas Ficcionalis*. XII Congresso Internacional da ABRALIC, Centros – Ética, Estética. Curitiba: UFPR, 2011. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0151-1.pdf>>. Acesso em 24 de Junho de 2013.

_____. *Os estudos interdisciplinares e as políticas acadêmicas*. Anais XIII Ciclo de Literatura- Seminário Internacional “As Letras em Tempo de Pós”. Dourados: EDUFGD, 2009. Disponível em: <http://www.ufgd.edu.br/eventos/moebius/arquivos/Interdisciplinaridade_e_Políticas_academicas.pdf>. Acesso em 05 de julho de 2013.

PAULA, Adna Candido de; SPERBER, Suzi Frankl (Org). *Teoria Literária e Hermenêutica Ricoeuriana: Um diálogo possível*. Dourados, MS:UFGD, 2011.

PLATÃO. *A República*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965.

RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. *Do Texto à Acção*. Ensaios de Hermenêutica II. Trad. Alcino Cartaxo e Maria José Sarabando. Porto: Rés-Editora, 1989.

_____. *Tempo e narrativa – Tomo III*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papyrus Editora, 1997.

_____. *Tempo e narrativa – Tomo II*. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus editora, 1995.

_____. *Tempo e narrativa* – Tomo I. Tradução de Constança Marcondes César. Campinas: Papyrus editora, 1994.

_____. *Teoria da interpretação* – O discurso e o excesso de significação. Rio de Janeiro: Edições 70, 1976.

ⁱE-mail da autora: santos-elisa92@hotmail.com

ⁱⁱE-mail da autora: adna.candido.paula@gmail.com